OLIVEIRA, João Pacheco (org.). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

MELVINA AFRA MENDES DE ARAÚJO*

O conjunto de textos compilados neste volume trata da emergência étnica indígena no Nordeste brasileiro, privilegiando o enfoque do processo de construção de identidades étnicas em contraposição a uma abordagem internalista de sociedades indígenas.

O livro é organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo, de autoria do organizador, faz um apanhado teórico sobre o tema tratado. Os outros textos, quase todos elaborados a partir de pesquisas orientadas por João Pacheco de Oliveira, apresentam descrições etnográficas que parecem sustentar as formulações teóricas apresentadas no artigo de abertura, embora nem todos os artigos pareçam estar afinados da mesma forma com as proposições do organizador do livro. Vejamos mais detalhadamente cada artigo.

No artigo de abertura, *Uma etnologia dos "índios misturados": situação colonial, territorialização e fluxos culturais*, o autor apresenta uma reflexão sobre o paradoxo constituído pela "emergência" de grupos indígenas no Nordeste que, apesar da origem recente, consideram-se povos "originários", a partir de uma discussão sobre a constituição do objeto de pesquisa "índios do Nordeste" e de conceitos relativos à análise da etnicidade, bem como de um debate com o americanismo. No decorrer deste texto João Pacheco retoma estudos sobre os índios do Nordeste ("etnologia das perdas", segundo o autor), assinalando a insistência em mostrar o que foram, há séculos, e não o que estes povos e culturas são atualmente. Após a instauração de um processo de reivindicações de território e assistência ao órgão indigenista, por parte destes povos, inicia-se, a partir dos anos 90, um debate teórico acerca do problema das emergências étnicas e da reconstrução cultural. Este debate baseia-se numa bibliografia inglesa e norte-americana sobre etnicidade e antropologia política, assim como nos estudos sobre contato interétnico.

O segundo texto da coletânea, *Terras indígenas e ação indigenista no Nordeste (1910-67)*, de Sidnei Peres, calcado em pesquisa documental, pretende abordar o processo de "produção de terras indígenas" nos estados de Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, Paraíba, Bahia, Sergipe e Alagoas durante o período de existência do SPI – Serviço de Proteção ao Índio. Este texto oferece uma interessante análise do modelo de ação indigenista oficial, a partir da descrição de processos de criação de terras indígenas e organização de postos indígenas. O processo de criação destas terras, de acordo com este autor, tinha por base a idéia da terra como um meio de reprodução física dos índios, o

* Mestre e doutoranda em antropologia pelo PPGAS/USP. Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre as Missões/CEBRAP.

que explica o objetivo da agência indigenista oficial de transformar os índios em trabalhadores nacionais.

Invenção ou renascimento? Gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste, de Henyo Trindade, é o terceiro texto do livro e trata da constituição da diferença cultural entre tapebas e brancos.

O quarto artigo, *Etnogênese e 'regime de índio' na Serra do Umã*, escrito por Rodrigo Grünewald, discorre sobre a questão da constituição de uma comunidade indígena por indivíduos oriundos de grupos indígenas diversos, negros e brancos como forma de garantir o acesso à terra.

O quinto artigo, *Povo indígena Kiriri: emergência étnica, conquista territorial e faccionalismo*, de Sheila Brasileiro, e o sexto, *Os caminhos das aldeias Xucuru-Kariri*, de Sílvia Martins, abordam também a questão da construção de um grupo étnico. O último, no entanto, enfoca a atuação de "agentes históricos" nesse processo.

José Maurício Arruti escreve *A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco*. Neste artigo podemos observar uma análise do processo de sociogênese dos Pankararu e da "emergência" de um conjunto de "remanescentes", através da descrição da rede de relações que conforma "a árvore Pankararu". Esta expressão, formulada tendo por base metáforas nativas como "troncos velhos" e "pontas de rama", pretende – e o faz bem – designar as relações entre grupos originários e suas ramificações. Assim, torna-se possível visualizar não apenas um dos fios, mas a complexa teia de relações formada no processo de sociogênese dos chamados grupos "emergentes".

O último texto da coletânea, *Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará*, de Carlos Guilherme do Valle, enfoca questões relativas à construção da etnicidade Tremembé, a partir de categorias e articulações simbólicas utilizadas por este grupo, por seus oponentes e pelos que não acreditam na existência de diferenças étnicas locais. É bastante interessante a análise empreendida pelo autor, mas a utilização da noção de "situação étnica" mostra-se um tanto confusa. O que vem a ser uma "situação étnica"? Valle afirma ter cunhado este termo a partir da noção de "situação histórica" proposta por João Pacheco de Oliveira. Segundo ele, a noção de "situação étnica" não pode ser compreendida através de uma perspectiva empiricista, nem a partir de critérios demográficos ou geográficos. No entanto, pela maneira como este termo é empregado no texto, a impressão que fica é a de que se trata, sobretudo, de uma noção calcada na distribuição espacial dos grupos ou aldeias Tremembé.

Após esta breve exposição acerca dos artigos que compõem esta coletânea, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre o livro como um todo. A discussão nele apresentada é de grande importância para os pesquisadores de temas que envolvam a questão das relações entre grupos sociais distintos, não apenas indígenas. São explorados os contextos de formação de movimentos em torno da construção de uma identidade étnica e de seu reconhecimento. Nesse sentido são trabalhadas as relações entre grupos já reconhecidos e os que desejam obter reconhecimento; entre estes e os não-índios; entre eles e a agência indigenista oficial (SPI ou Funai, dependendo do período) e/ou outros agentes; bem como os meandros das disputas no interior do próprio grupo (por legitimidade, religiosas etc.).

No entanto, alguns detalhes deveriam merecer maior atenção. O livro carece de uma revisão ortográfica e de texto. Boa parte dos mapas não apresenta legenda, o que dificulta sua compreensão. Além disso, alguns trabalhos citados não constam da bibliografia.

Para além das questões relativas à revisão, creio que um outro ponto deve ser ressaltado. Este livro parece ter sido formulado a partir de uma perspectiva teórica – a de explicitar confluências de estratégias e expectativas para o problema político da emergência étnica – que se contrapõe a uma abordagem internalista das sociedades indígenas (aquela defendida por Eduardo Viveiros de Castro[1]?). Concordo com a crítica de que, ao privilegiar apenas o ponto de vista dos índios, pode-se incorrer no erro de desprezar as relações que estes mantêm com a sociedade envolvente e as mudanças decorrentes deste processo, o que normalmente tem ocorrido. No entanto, quando, ao contrário, privilegia-se somente o ponto de vista dos chamados "agentes históricos" pode-se deixar de lado a compreensão das formas de organização social, bem como os modos indígenas de pensar o mundo. Dessa forma, ambas as perspectivas – a internalista e aquela que privilegia o contexto – no fundo acabam não colocando em questão os processos decorrentes de longos relacionamentos entre indígenas e membros da sociedade envolvente, ou entre índios e aqueles que normalmente têm atuado como mediadores entre eles e os não-índios, não formulando assim um instrumental teórico que permita compreender os meandros destes processos.

1. As críticas lançadas por Viveiros de Castro a João Pacheco de Oliveira podem ser vistas no artigo daquele autor, "Etnologia brasileira" que consta do volume lançado pela ANPOCS em outubro de 1999, *O que ler na ciência social brasileira,* vol. 1.